

## **ABORDAGENS AO TURISMO SUSTENTÁVEL NA REVISTA *NATIONAL GEOGRAPHIC TRAVELER***

**Maria Leonor Gambini de Sousa Guedes\***

Politécnico de Coimbra - Escola Superior de Educação,  
Portugal  
lgambini@esec.pt

**Andreia Moura**

Politécnico de Coimbra - Escola Superior de Educação,  
GOVCOPP, CITUR, Portugal  
andreiamoura@esec.pt

**Mariana Carvalho**

Politécnico de Coimbra - Escola Superior de Educação,  
GOVCOPP, Portugal  
marianacabral@esec.pt

\*Autor correspondente

## Resumo

Perspetivar o turismo enquanto promotor do desenvolvimento sustentável dos territórios é, atualmente, uma realidade que deve ser considerada, tendo em vista o bem-estar social, a proteção ambiental e o desenvolvimento económico. A Organização Mundial de Turismo (UNWTO, 2003) define que o turismo sustentável não é um tipo de turismo, mas sim, um modelo de desenvolvimento ou uma filosofia de gestão que deve adequar e compatibilizar as práticas turísticas à correta estruturação dos territórios recetores, contemplando, em simultâneo, a satisfação e o respeito por três vértices básicos do desenvolvimento para qualquer destino turístico: a população residente, os recursos existentes, e os próprios turistas. O presente trabalho visa realçar a pertinência do turismo sustentável na atualidade, propondo-se a identificar e analisar as suas dimensões no âmbito dos artigos publicados na renomada revista de viagens *National Geographic Traveler*, durante o ano de 2013. Os resultados revelam uma sensibilidade crescente por práticas sustentáveis, o que realça a importância deste conceito para os destinos. As diferentes abordagens dos artigos analisados relatam diversificados contextos em que diferentes atores promovem o turismo sustentável nas suas distintas dimensões, permitindo concluir que todas as iniciativas apresentadas contribuem para processos de desenvolvimento sustentável, embora em diferentes escalas.

**Palavras-chave:** *National Geographic Traveler*; Destinos Turísticos; Turismo Sustentável.

## Abstract

Tourism may currently be viewed as promoting the sustainable development of regions by fostering social well-being whilst protecting the environment and encouraging economic progress. The World Tourism Organization (UNWTO, 2003) established that sustainable tourism is not a type of tourism, but rather a model for development or a philosophy of management which should reconcile tourist practices with the correct structuring of host regions. This must include the fulfilment of and respect for three vertexes of development concerning any tourist destination: the local population, the existing resources and the tourists themselves. This paper aims to highlight the pertinence of sustainable tourism at the present time by examining and studying its scope in the articles published in the 2013 issues of *National Geographic Traveler*, the renowned travel magazine. The results of this study show that there is growing understanding for the need of sustainable practices, which stresses the relevance of this concept for tourist destinations. The diverse approaches of the articles studied show different contexts in which sustainable tourism, in its multiple aspects, is promoted by various agents. This allows for the conclusion that all the initiatives presented contribute to sustainable development processes, albeit on different scales.

**Key-words:** *National Geographic Traveler*; Sustainable Tourism; Tourist Destinations.

## Introdução

O turismo é uma atividade que tem apresentado um crescimento contínuo ao longo das últimas décadas. De acordo com a Organização Mundial do Turismo, registaram-se, em 2015, cerca de 1186 milhões de chegadas internacionais e cerca de 1136 bilhões de euros em termos de receitas (UNWTO, 2016), o que correspondeu a um crescimento de 4,6% e 4,4%, respetivamente, face ao ano de 2014. Os benefícios económicos desta indústria ao nível dos territórios são inegáveis, desde a criação de emprego ao desenvolvimento social. No entanto, todo este processo evolutivo tem contribuído, da mesma forma, para a degradação ambiental ou para impactos nefastos em termos sociais e culturais nas comunidades locais (Choi & Sirakaya, 2006; Garrod & Fyall, 1998). A necessidade de planear os destinos tendo por base os princípios da sustentabilidade é, atualmente, uma máxima a seguir em prol da preservação dos recursos naturais e culturais dos destinos, os quais constituem, simultaneamente, a matéria-prima para a atratividade dos turistas e o habitat da comunidade local.

Desta forma, o presente artigo visa demonstrar que, num contexto mundial, a gestão e planeamento adequados dos destinos deve contemplar, forçosamente, os princípios da sustentabilidade, uma vez que o nível de procura da atividade turística está em nítido crescimento há várias décadas e uma intervenção consciente nos territórios é crucial, tendo em vista a minimização dos impactos negativos provenientes do seu desenvolvimento. Por sua vez, o envolvimento de diferentes *stakeholders* deverá permitir uma coordenação de esforços no sentido de garantir a dinâmica económica e a preservação dos recursos naturais e culturais dos destinos, ao mesmo tempo que deverá promover a melhoria da qualidade de vida das comunidades locais e a sua inclusão na atividade turística.

O presente estudo visa demonstrar, a partir de uma análise de conteúdo de 27 artigos publicados na Revista *National Geographic Traveler*, a pertinência dos princípios de sustentabilidade na gestão e planeamento de diferentes destinos mundiais, assim como realçar casos de sucesso em que a consciencialização para esta temática é evidente na oferta dos destinos.

## Revisão da literatura

### O conceito de turismo sustentável

A sustentabilidade é uma temática cada vez mais discutida nos mais variados quadrantes da sociedade atual, apresentando-se frequentemente sob escrutínio público ou debate político (Dias, 2017), tendo vindo a afirmar-se como uma área particularmente frutífera em termos de investigação científica no âmbito do turismo.

De acordo com o Relatório de *Brundtland*, o conceito de desenvolvimento sustentável é entendido como o “desenvolvimento que providencia as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas” (WCED, 1987, p. 43). Apesar de ser considerada uma definição algo generalista, esta surge como promotora de um conceito que, rapidamente, tem sido adotado e desenvolvido ao nível da literatura mundial.

Inicialmente, o conceito de desenvolvimento sustentável dava maior realce às dimensões económica e ambiental (Eusébio, Kastenholtz & Breda, 2014), o que, ao longo dos anos, se revelou limitativo. Efetivamente, diferentes autores (Choi & Sirakaya, 2005, 2006; Liu, 2003; Lu & Neal, 2009) realçam a pertinência de se considerar também a dimensão social, compreendendo-se, assim, que estamos perante um conceito de natureza multidimensional (Eusébio et al., 2014). Na perspetiva de Choi e Sirakaya (2006), e para além das dimensões

económica, social e ambiental identificadas, as dimensões política e tecnológica deverão ser, igualmente, consideradas, pelo facto de se verificar a pertinência da análise do conceito por parte das forças governamentais dos territórios e pelos benefícios que a evolução tecnológica pode proporcionar ao bem-estar das comunidades e dos destinos em termos económicos, sociais e ambientais.

A crescente investigação acerca desta problemática no contexto da indústria turística resultou, nos últimos 20 anos, numa clara diversidade de publicações direcionadas para o reforço do entendimento do conceito de sustentabilidade na prática do turismo (Garrod & Fyall, 1998; Lu & Nepal, 2009), ainda que se tenha verificado, até determinada altura, um foco restrito na sua definição e uma menor atenção dada à sua aplicabilidade (Garrod & Fyall, 1998). No entanto, o evidente reconhecimento do conceito a nível académico e a crescente atenção por parte de empresas, forças governamentais e turistas conduziu a uma necessidade de um entendimento acerca das suas implicações práticas. As publicações no *Journal of Sustainable Tourism (JOST)*, enquanto revista científica renomada na área do Turismo, que se tem dedicado, exclusivamente, à investigação ao nível do Turismo Sustentável, denotam este processo evolutivo (Lu & Nepal, 2009). De acordo com um estudo desenvolvido por Lu e Nepal (2009, p. 8), “em 2007, 85% dos artigos publicados eram estudos empíricos”, o que evidencia a pertinência da análise prática do conceito.

A Organização Mundial de Turismo (UNWTO, 2003) veio a definir o turismo sustentável como o modelo de desenvolvimento que deve tentar adequar as práticas turísticas à correta estruturação dos territórios recetores, por forma a contemplar em simultâneo a satisfação e o respeito pelos três vértices ou componentes básicos a considerar em qualquer destino turístico: social, ambiental e económico. Ou seja, o turismo sustentável é uma filosofia de gestão que promove a melhoria da qualidade de vida e bem-estar das comunidades locais, fomenta a manutenção e preservação dos recursos ambientais dos territórios e proporciona ao turista uma experiência única e gratificante, o que desencadeia benefícios aos três níveis identificados. No contexto dos destinos, este conceito deverá ainda traduzir-se na ponderação dos limites da capacidade de carga ambiental, na minimização dos impactos negativos provenientes da atividade e na preservação da “identidade dos territórios, reforçando o capital social, a cultura local e a coesão social” (Eusébio et al., 2014, p. 15). O envolvimento das comunidades locais deverá ser também considerado, podendo traduzir-se não só em benefícios económicos para a população, mas também para o melhoramento da qualidade da experiência turística, assim como o investimento num marketing turístico responsável, através do qual a comunicação desenvolvida deverá reforçar a consciencialização para o respeito dos recursos naturais, sociais e culturais das áreas-destino (Garrod & Fyall, 1998). É, por isso, fundamental garantir uma adequada gestão política e o envolvimento coordenado de todos os *stakeholders* dos destinos, garantindo que estes intervenientes desenvolvem sistemas de monitorização ao nível do planeamento e gestão dos destinos (Choi & Sirakaya, 2006), de acordo com as necessidades expressas.

### **A pertinência do turismo sustentável aplicado aos destinos**

Tradicionalmente, a literatura relacionada com o turismo sustentável enfatiza o efeito multiplicador da atividade em termos económicos como elemento central de discussão. No entanto, estudos recentes, designadamente de Boley, McGehee and Hammett (2017), revelam que a maximização dos benefícios económicos do turismo sustentável é considerada como uma prioridade de menor importância, relativamente à melhoria da qualidade de vida ou do

*empowerment* das populações locais, ou mesmo, da valorização dos sistemas ecológicos e ambientais, tal como sugere Dvarskas (2017).

Enquanto guia orientador e impulsionador destes princípios, o “Código Mundial de Ética do Turismo”, desenvolvido pela Organização Mundial de Turismo (OMT) e adotado na XIII Assembleia Geral da OMT em Santiago do Chile, a 1 de Outubro de 1999 (UNWTO, s.d.-a), é um documento que contempla diversos princípios orientadores direcionados para todos os *stakeholders*, tendo em vista um adequado desenvolvimento e planeamento turístico dos destinos. Reconhecendo a importância da promoção de um turismo sustentável e responsável, a OMT pretende reforçar o papel do turismo enquanto propulsor de benefícios ao nível da qualidade de vida das comunidades e da preservação dos territórios.

No contexto dos princípios orientadores para as boas-práticas ao nível do turismo sustentável nos destinos, o presente estudo destacou os ideais presentes nos artigos 3º – “O turismo, factor de desenvolvimento sustentável” – 5º – “O turismo, atividade benéfica para os países e comunidades de acolhimento” – e 6º – “Obrigações dos actores do desenvolvimento turístico”, com destaque para a alínea 6) onde é realçado o papel da imprensa turística especializada e restantes meios de comunicação – pelo facto de contemplarem diversas questões-chave para a sobrevivência dos destinos, como aspetos relacionados com a proteção ambiental e recursos naturais e a sua correta gestão pelas entidades competentes, assim como a preservação dos traços identitários das comunidades, o reforço dos benefícios económicos e sociais provenientes da atividade turística para as populações locais, tendo em vista a melhoria da sua qualidade de vida e a pertinência dos meios de comunicação na promoção de informação credível e benéfica sobre os destinos e respetivos serviços (UNWTO, s.d.-b).

Hoje em dia, Hashemi e Ghaffary (2017) propõem que se adapte o conceito de sustentabilidade aos locais ou territórios em análise, tendo em consideração as divergências atitudinais que podem emergir de comunidade para comunidade e a variabilidade das necessidades de desenvolvimento de cada destino. Atendendo à constante alteração do comportamento dos consumidores e à diversificação da procura turística, é também pertinente apostar no desenvolvimento de produtos inovadores e diferenciados que reforcem o potencial local dos destinos, tanto ao nível dos recursos naturais como dos culturais. É, por isso, evidente a necessidade de se realçar a identidade das comunidades, envolvendo os habitantes locais no planeamento da atividade turística e garantir a preservação dos seus traços culturais, tradições e estilos de vida, enquanto definição da sua identidade (Kastenholz, Carneiro, & Marques, 2012).

Atualmente, a diversidade de perspetivas e estudos desenvolvidos relacionados com esta temática é evidente, o que denota uma maior sensibilidade e consciência por parte dos consumidores para a implementação de ações que visem a preservação dos destinos e dos seus recursos. O comportamento dos turistas revela, crescentemente, uma maior atenção para com a qualidade consciente (Liu, 2003) dos produtos ou serviços nos destinos, o que é indicativo de uma necessidade de adoção de comportamentos *eco-friendly* por parte dos gestores de destinos na estruturação da oferta.

A Revista *National Geographic Traveler* é propulsora deste comportamento consciente. Através de várias publicações anuais, são diversos os assuntos tratados que visam não só promover a distinção das características dos destinos e das boas-práticas que desenvolvem, como exemplos a seguir, mas também alertar para os comportamentos nefastos provenientes da atividade turística que têm, efetivamente, impacto na qualidade de vida das comunidades e que deverão ser consideradas pelas forças governamentais dos destinos como aspetos a minimizar ou eliminar em prol da preservação dos territórios para as gerações presentes e futuras

(UNWTO, s.d.-b). Estes princípios, para além de serem promovidos no “Código Mundial de Ética do Turismo”, surgem, igualmente, em contexto académico e são corroborados por diversos autores nas suas investigações (Choi & Sirakaya, 2006; Eusébio et al., 2014; Garrod & Fyall, 1998; Liu, 2003; Lu & Nepal, 2009). É, neste sentido, que o presente artigo pretende demonstrar a relevância destas temáticas na atualidade através da análise de 27 artigos selecionados, tendo por base as dimensões associadas ao conceito de turismo sustentável (económica, social, ambiental, política e tecnológica), identificadas na revisão de literatura, que retratam ou devem respeitar os princípios do “Código Mundial de Ética do Turismo”.

### Metodologia

O presente estudo tem por base uma revisão de literatura sobre o conceito de turismo sustentável, a partir da qual foi possível identificar diferentes dimensões de análise: económica, social, ambiental, política e tecnológica. No estudo empírico, foi desenvolvida uma análise de dados secundários provenientes das publicações do ano de 2013 da Revista *National Geographic Traveler*, sendo esta “a revista de viagens mais lida no mundo” (National Geographic, 2017a), que promove as particularidades dos destinos num contexto mundial e que contempla artigos de opinião, por parte de diversos autores, os quais, entre outros assuntos, apelam à consciencialização e à alteração de padrões de comportamento sustentáveis, que visem a minimização dos impactos negativos a nível ambiental e social em determinados destinos. Tendo por base um espólio de publicações muito diversificado, foram selecionados os números referentes ao ano de 2013, pelo facto de se considerar a pertinência e volume de artigos que realçam diversas questões relacionadas com o conceito de “turismo sustentável” neste mesmo ano. A seleção dos artigos analisados teve por base os princípios presentes nos artigos 3º (“O turismo, factor de desenvolvimento sustentável”), 5º (“O turismo, actividade benéfica para os países e comunidades de acolhimento”) e 6º (“Obrigações dos actores do desenvolvimento turístico”) do “Código Mundial de Ética do Turismo”, a partir dos quais são promovidos comportamentos ambiental e socialmente conscientes nos destinos e são realçadas, por um lado, as características dos territórios que deverão ser preservadas num contexto turístico e, por outro, as relações entre as comunidades locais e as forças políticas que se pressupõe coordenadas, assim como o importante papel dos meios de comunicação, nomeadamente de especialização na área do turismo, na divulgação de destinos e informações credíveis.

### Recolha de dados

Após a identificação dos números referentes ao ano de 2013 da Revista *National Geographic Traveler*, foi feita uma seleção artigos, tendo por base a identificação de temáticas direcionadas para o turismo, especificamente para as dimensões económica, social, ambiental, política e tecnológica, tal como sugerem os respetivos títulos (ver Tabela 1), o que resultou no apuramento de 27 artigos finais.

No que se refere à análise de dados, optou-se por uma abordagem qualitativa, tendo sido desenvolvida uma análise de conteúdo que visava a codificação e categorização manual dos artigos (Creswell, 2009), tendo por base as dimensões previamente mencionadas e identificadas por Choi & Sirakaya (2006). Esta opção teve como base a perspetiva de Creswell (2009), o qual considera que a análise manual de conteúdo é indicada quando os dados a tratar correspondem a uma amostra de dimensão mais restrita (menos de 500 páginas de transcrição), o que permite selecionar, organizar e identificar a informação pertinente. Este processo tinha

como objetivo a identificação de boas práticas sustentáveis nos destinos, tanto a nível ambiental como social, e a consciencialização para a necessidade de alteração de comportamentos nocivos para as comunidades locais e o ambiente em destinos turísticos.

**Tabela 1.** Artigos alusivos ao turismo sustentável na Revista *National Geographic Traveler* em 2013.

Nº	Mês	Título do Artigo	Autor
1	Janeiro	<i>Seeing the World, According to Me</i>	Costas Christ
2	Janeiro	<i>Getting Off on the Wrong Foot</i>	Daisann McLane
3	Fevereiro/Março	<i>The Tribes Have Spoken</i>	Costas Christ
4	Abril	<i>Blueberry Fields for Ever</i>	Costas Christ
5	Abril	<i>Lights Out</i>	George W. Stone
6	Abril	<i>A Caribbean Hideaway: Off-the-Ship Adventures in Unspoiled Dominica</i>	Everett Potter
7	Maio	<i>A Bear of a Problem</i>	Jonathan B. Tourtellot
8	Maio	<i>Keys to the Emerald City</i>	Costas Christ
9	Junho/Julho	<i>New Norm for Lodges?</i>	Keith Bellows
10	Junho/Julho	<i>25 Wild Nights</i>	Costas Christ
11	Junho/Julho	<i>Elephants and Ivory</i>	Costas Christ
12	Agosto/Setembro	<i>Fable for the Philippines</i>	Costas Christ
13	Outubro	<i>Trail of Elephant Tears</i>	Os Editores
14	Outubro	<i>Dam Smart Move on the Olympic Peninsula</i>	Elaine Glusac
15	Outubro	<i>Battle of the Billionaires</i>	Costas Christ
16	Outubro	<i>Going Native</i>	George W. Stone
17	Outubro	<i>What's the World's Best Green Place?</i>	Costas Christ
18	Outubro	<i>Will Tourism Sink Venice?</i>	Elizabeth Becker
19	Outubro	<i>Eco-streak</i>	George W. Stone
20	Outubro	<i>Liquid Gold</i>	George W. Stone
21	Novembro	<i>A Virgin Island Returns to Its Organic Roots</i>	Diane Daniel
22	Novembro	<i>Message in a Bottle</i>	Costas Christ
23	Novembro	<i>Queen of the Jungle</i>	Katie Knorovsky
24	Dezembro	<i>Redemption in the Rainforest</i>	Robert E. Howells
25	Dezembro	<i>Eyeing the Tigers in Rajasthan</i>	Becca Hensley
26	Dezembro	<i>Is Green the New Gold?</i>	Jayne Wise
27	Dezembro	<i>Great Leaps in the Dark</i>	Anja Mutic

Fonte: Elaboração própria.

Em suma, ao longo de 2013, foram publicados **27** artigos relacionados com o turismo sustentável ou com a sustentabilidade e proteção do ambiente e a sua relação com o turismo, na *National Geographic Traveler*. Destes, **10** foram escritos por Costas Christ e **4** por George W. Stone, salientando-se como os principais autores de artigos sobre estas matérias. Por último, destaca-se o mês de outubro com o maior número de publicações acerca dos tópicos em análise, seguido do mês de dezembro.

### Análise e discussão de resultados

Tal como indicado anteriormente, a revista *National Geographic Traveler* é, segundo a página oficial do “site”, a revista de viagens mais lida no mundo (NGT, 2017a). É publicada pela *National Geographic Society* dos Estados Unidos e foi lançada em 1984. Para além da edição americana, com oito números por ano, existem edições em línguas locais de vários países, desde a Europa à Ásia. A *National Geographic Traveler* tem ajudado a promover destinos turísticos diferenciados em todos os continentes e dado a conhecer novas tendências em

transporte, alojamento e tecnologia disponíveis para viajantes, para além de chamar a atenção para questões relacionadas com o ambiente e outros impactos menos positivos do turismo.

De 1998 a 2014, o editor-chefe foi Keith Bellows, reconhecido como um viajante com um conhecimento invejável do mundo, imprimiu uma dinâmica admirável à revista durante 17 anos e esteve na origem de vários projetos (NGT, 2017b). Em janeiro de 2016, George W. Stone, um colaborador de longa data, ficou responsável pela edição da revista (NG, 2016). Deste modo, e pelo facto das publicações de 2013 terem sido muito produtivas, serão aqui analisados os principais textos dos números de 2013 desta revista (edição dos Estados Unidos), que evidenciam uma preocupação com a sustentabilidade turística, considerando as 5 dimensões de análise previamente identificadas: (i) ao nível do meio **ambiente**, (ii) a nível **social**, considerando a preservação da cultura e estilo de vida das comunidades locais, (iii) no contexto do crescimento **económico** sustentado, (iv) no âmbito das **políticas** de conservação e (v) na aplicabilidade das novas **tecnologias** (ver Tabela 2).

**Tabela 2.** Resultados da análise às dimensões do turismo sustentável dos artigos alusivos ao tema na Revista *National Geographic Traveler* em 2013.

Nº	Mês	Principais Resultados	Dimensões do Turismo Sustentável				
			Económica	Social	Ambiental	Política	Tecnológica
1	Janeiro	O artigo realça a importância de ajudar as pequenas empresas, as pessoas que trabalham no turismo e os residentes locais, preservando a sua identidade.	X	X		X	
2	Janeiro	O texto debruça-se sobre a importância de os visitantes se integrarem na cultura e costumes locais.		X			
3	Fe- vereiro/Ma rço	O autor chama a atenção para os perigos do turismo tribal e para os direitos dos povos indígenas.		X		X	
4	Abril	O artigo refere a relevância do turismo rural para a sobrevivência das pequenas explorações agrícolas.			X	X	
5	Abril	Uma breve referência às políticas de poupança de energia em duas grandes cidades europeias e a um projecto americano com fins de proteção de aves.			X	X	
6	Abril	O autor foca a recusa do turismo de massas na ilha de Dominica e as suas alternativas.	X		X	X	
7	Maio	O artigo incide sobre a conservação da população de coalas em regiões específicas da Austrália e apela à sua reflorestação.			X		
8	Maio	Este caso descreve projetos inovadores em Milão, Singapura, Chicago, Sidney e Londres, exemplos de uma nova forma de perspetivar um futuro sustentável para as populações urbanas, ao mesmo tempo que constituem atrações turísticas.	X	X		X	X
9	Junho/ Julho	Uma referência às novas tendências no turismo ecológico, no sentido de preservar a fauna, flora e cultura locais, para além de financiar as comunidades.	X	X	X		X

**Tabela 2.** Resultados da análise às dimensões do turismo sustentável dos artigos alusivos ao tema na Revista *National Geographic Traveler* em 2013 (cont.).

Nº	Mês	Principais Resultados	Dimensões do Turismo Sustentável				
			Económica	Social	Ambiental	Política	Tecnológica
10	Junho/ Julho	O artigo descreve 25 exemplos de turismo ecológico de vanguarda, com referência às especificidades de cada destino e atividades associadas.			X		X
11	Junho/ Julho	O texto alerta para a ameaça que o comércio de marfim constitui para a sobrevivência da população de elefantes africanos.			X	X	
12	Agosto/ Setembro	Utilizando o exemplo de duas ilhas das Filipinas, o artigo descreve duas experiências diametralmente opostas na abordagem do turismo e respetivos resultados.	X		X		
13	Outubro	Artigo dá conta das repercussões que o artigo <i>Elephants and Ivory</i> , de Costas Christ, teve junto dos leitores.		X			
14	Outubro	O artigo descreve o impacto positivo que a eliminação de uma barragem tem no meio ambiente.			X		X
15	Outubro	Breve artigo que fornece exemplos da atividade filantrópica de conhecidos bilionários, com vista à conservação de reservas e recursos naturais.		X	X		
16	Outubro	O artigo refere a última tendência do turismo baseado na comunidade.		X		X	
17	Outubro	Referência ao Butão, como exemplo de sustentabilidade para outros países.		X	X	X	
18	Outubro	Referência ao problema do turismo de massas em Venezuela.		X	X	X	
19	Outubro	Referência às novas diretrizes do <i>Global Sustainable Tourism Council</i> com vista a medir o turismo responsável.			X	X	X
20	Outubro	Referência a uma invenção que poderá fornecer água potável onde ela não existe.			X		X
21	Novembro	Breve relato do movimento de retorno às origens na Ilha de St. Croix.		X			
22	Novembro	Referência à campanha <i>Whole World Water</i> , envolvendo hotéis em projectos de fornecimento de água a populações.		X	X		X
23	Novembro	Relato de uma bióloga sobre a sua investigação em vida selvagem, na Índia.			X		
24	Dezembro	Artigo sobre o Parque Nacional de Nyungwe, que constitui um exemplo de turismo de natureza e vida selvagem.			X		
25	Dezembro	Breve relato sobre um dos parques nacionais, e reserva de tigres, da Índia e sua importância.			X		
26	Dezembro	Artigo sobre o turismo de natureza na Guiana.			X		
27	Dezembro	O texto chama a atenção para o turismo cultural e de natureza no Alentejo.		X	X		

Fonte: Elaboração própria.

O número de **janeiro** de 2013, que é, simultaneamente, o de Dezembro de 2012, inclui 2 artigos da autoria de Costas Christ, escritor premiado e colaborador da *National Geographic Traveler*, cuja rubrica “Tales from the Frontier” tem incluído vários artigos sobre turismo sustentável (NGT, 2017c). Considerado um dos principais especialistas mundiais neste campo (NGT, 2017c), este autor é um dos pioneiros do **ecoturismo**, tendo dado a sua contribuição para a definição do conceito. Tem sido convidado para falar em diversos canais de televisão e rádio sobre novas tendências e destinos turísticos, além de proferir palestras em conferências e eventos internacionais sobre estas temáticas. Costas Christ é também presidente dos *World Legacy Awards*, instituídos pela *National Geographic*, um prémio que visa destacar e premiar empresas, organizações e destinos que se tenham notabilizado no desenvolvimento de ações positivas e inovadoras, tendo em vista a sustentabilidade da indústria turística (NGT, 2017c).

No artigo *Seeing the World, According to Me*, Costas Christ começa por referir que quando entra num hotel a primeira coisa que faz é observar se o átrio, através da arquitetura, decoração ou uniformes dos funcionários, lhe permite identificar em que país ou continente se encontra. Se não for o caso, não fica. Exige que o alojamento inclua a identidade do lugar e não a subjugue (Christ, 2013a). O **turismo sustentável**, segundo ele, assenta em três pilares, dos quais a proteção do património natural e cultural e o apoio ao bem-estar da população local são tão importantes quanto as políticas dos 3R’s – Reduzir, Reutilizar e Reciclar. Prefere andar a pé ou de bicicleta para uma melhor interação com o local e as gentes. Opta por estalagens de proprietários locais e casas de hóspedes e refere uma pensão portuguesa em que ficou alojado, propriedade de uma família de produtores de cortiça há três gerações, onde lhe contaram histórias sobre a extração manual da mesma. Procura, assim, ajudar as pequenas empresas, as pessoas que trabalham no turismo e os residentes locais, ao mesmo tempo que tem a oportunidade de conhecer, de perto, a sua cultura. Nesta linha de pensamento, prefere que os seus guias sejam locais, como no caso de uma visita ao Quénia, onde foi convidado para conhecer a avó da sua guia, uma mulher de 98 anos que lhe falou da chegada dos primeiros colonos brancos à região dos montes Mua. Por razões ambientais tem-se pronunciado contra os grandes navios de cruzeiro e estabelece um limite de 200 passageiros, ou menos, para viajar de barco. Costas Christ reconhece que viajar gera dióxido de carbono e sugere a aquisição de **compensações de carbono**, para além de outras medidas, como procurar alojamento alternativo aos grandes hotéis, no ecoturismo local. Em termos de alimentação, opta por espécies não ameaçadas e géneros locais, já que a comida é tanto mais nutritiva quanto menos viajar, além de haver menos combustíveis fósseis envolvidos no seu transporte. Por outro lado, quando recorre a operadores turísticos, o autor informa-se sobre as suas credenciais ambientais e interroga-os sobre questões específicas de proteção da natureza e sustentabilidade local. Se achar as respostas vagas, passa a outro operador (Christ, 2013a).

O outro artigo deste número da NGT que merece referência oferece uma perspectiva diferente. Daisann McLane, na sua rubrica “Real Travel”, escreve sobre a importância de não chocar as pessoas dos locais que visitamos e tentar entender a sua cultura e costumes. *Getting Off on the Wrong Foot* descreve situações de **desencontro cultural**, em que a autora se esforça por se integrar na cultura local, como, por exemplo, numa viagem de barco no Amazonas em que almoçar descalço e em camisola interior é perfeitamente aceitável, mas nunca de chapéu na cabeça. Apesar de, antes de viajar, fazer pesquisa sobre os comportamentos correctos e os não-correctos do destino que vai visitar, a fim de evitar “faux pas” ou mal entendidos, a autora nem sempre acerta no número de beijos na face em Paris, pede um pequeno-almoço num restaurante na Córsega quando, na verdade, pretende um almoço ligeiro e usa os chinelos

da casa de banho, decorados com gatinhos cor-de-rosa, no átrio da pousada (ryokan) em que pernoita no Japão (McLane, 2013).

O número de **fevereiro/março** de 2013 inclui mais um artigo de Costas Christ. *The Tribes Have Spoken* foca o avanço do turismo nas zonas tribais e os danos que causa, se não for gerido de forma inteligente e nas condições impostas pelos respectivos povos. Refere que, embora se pense que existem cerca de cem tribos no mundo sem contacto com a civilização, ninguém pode ter a certeza, e afirma que “What we do know is that encounters between outsiders and indigenous peoples have rarely gone well for the latter” (Christ, 2013b). São dados vários exemplos deste tipo de turismo: os Padaung de Myanmar, os Índios Pemon da Venezuela, os Mursi da Etiópia – onde 30.000 turistas desceram ao Vale do Rio Omo em 2012 –, os Kogi da Colômbia, os Huli Wigmen da Papua Nova Guiné e os Jarawa das Ilhas Andaman, na Índia – onde, apesar da proibição do governo, dezenas de veículos invadiram a reserva florestal deste povo tribal de caçadores-recolectores, cuja população não atinge os 400 indivíduos, e os operadores turísticos criaram atrações (uma gruta calcária e um “vulcão de lama”). A conclusão: as **comunidades indígenas** têm que ser consideradas como parceiros com poder de decisão nas questões de turismo que lhes digam respeito. Alguns exemplos de sucesso são dados neste campo: os Inuit de Nunavik, no Canadá, e os Masai do Quênia, onde estes últimos, após anos de experiências fracassadas, conseguiram retirar benefícios do turismo controlado nas suas terras comunitárias. Na edição *online* da revista, os editores da NGT acrescentaram uma nota que informa que menos de um mês após a publicação do artigo de Costas Christ, e também devido à pressão da comunidade internacional, as autoridades indianas puseram fim à exploração dos Jarawa e uma ordem judicial proibiu todo o tipo de turismo na reserva deste povo tribal (Christ, 2013b).

No número de **abril** do mesmo ano, há 3 artigos dignos de referência, sendo um do mesmo autor. Em *Blueberry Fields for Ever*, tomando como ponto de partida a sua própria quinta, onde se dedica ao cultivo de mirtilos utilizando métodos ancestrais, Costas Christ estabelece uma relação entre a agricultura e o turismo, analisando uma tendência que se tem vindo a afirmar no mundo das viagens, a qual está relacionada com o movimento “farm-to-table food”, mas que vai para além disso (Christ, 2013c). Os viajantes que visitam quintas e explorações agrícolas procuram uma ligação mais verdadeira e experiencial à terra, incluindo o conhecimento dos ecossistemas em que estas se enquadram, chegando a ajudar nas tarefas do dia-a-dia. E, segundo Costas Christ, assim como o ecoturismo à escala global ajudou a proteger a natureza e a salvar espécies ameaçadas, também o movimento do **turismo rural** pode contribuir para dar nova vida às pequenas explorações familiares, que se debatem com uma luta diária pela sobrevivência. O autor refere os exemplos bem-sucedidos de Tanabe, no Japão, onde os produtores de laranjas locais acolhem visitantes, numa tentativa de reverter a tendência de migração do campo para a cidade, que ameaça a sua cultura milenar, as comunidades Maia, no Belize, que encontraram novas formas de revitalizar a produção tradicional de cacau e transmitem os seus conhecimentos aos visitantes, as Montanhas Prokletije, em Montenegro, onde o Festival de Mirtilos Plav ajuda a manter a economia rural local, e a Common Ground Country Fair, na cidade de Unity, nos Estados Unidos, que contou com mais de 50.000 visitantes de todo o mundo em Setembro de 2012, com atrações que incluem gastronomia, música ao vivo, folclore, jardinagem e atividades agrícolas. Esta tendência de regresso à terra ajuda as pequenas explorações agrícolas a “make the leap from a thing of the past into a possibility for the future” (Christ, 2013c).

Os outros artigos dignos de nota neste número de abril são: *Lights Out*, de George W. Stone, na rubrica “The Trend”, e *A Caribbean Hiway: Off-the-Ship Adventures in Unspoi-*

*led Dominica*, de Everett Potter, na rubrica “Port of Call”. O primeiro, *Lights Out*, é um brevíssimo apontamento sobre o facto de algumas cidades do mundo terem decidido aumentar a sua **eficiência energética** (Stone, 2013a). Os emblemáticos monumentos de Paris, assim como as suas igrejas, estátuas, pontes e fontes desligam as luzes a partir da uma da manhã, ao passo que Barcelona, num esforço para reduzir custos com a energia, utiliza luzes de rua LED “inteligentes”, equipadas com temporizadores e detetores de movimento. Já nos Estados Unidos, a Audubon Society patrocina noites voluntárias de luzes apagadas para criar rotas seguras para as aves migratórias na América do Norte. Embora curto, este apontamento é importante para a divulgação de iniciativas de conservação que podem inspirar outras cidades do mundo.

O segundo artigo, *A Caribbean Hiway: Off-the-Ship Adventures in Unspoiled Dominica*, destaca um destino nas Caraíbas que, de há muito, tem estado na vanguarda do ecoturismo (Potter, 2013). Dominica, uma ilha que se tornou independente há apenas 38 anos, intitula-se “Ilha da Natureza” e possui um ritmo de tempos idos, sem “megaresorts”, vida nocturna ou turismo de massas. Um destino alternativo e preservado, onde a história e a arquitetura andam de mãos dadas. São sugeridas várias atividades aos visitantes, desde caminhadas na selva a “snorkelling” e observação da fauna marinha. É ainda referido o Parque Nacional Morne Trois Pitons, um sítio classificado pela UNESCO como património mundial.

No número de **maio** da NGT foram publicados dois artigos de interesse, no que concerne a sustentabilidade. O primeiro, *A Bear of a Problem*, de Jonathan B. Tourtellot, surge na rubrica “The Cause” e prende-se com um problema de **conservação da vida selvagem**, na Austrália. Embora os coalas constituam uma atração turística, que supostamente rende mais do que “a billion in annual tourism dollars” (Tourtellot, 2013), a sua população encontra-se em declínio nos estados de Queensland e New South Wales, devido à desflorestação e ao clima que se vem tornando mais quente e seco. Por outro lado, em outras regiões do país, onde as temperaturas são mais frescas, as populações destes marsupiais são estáveis. O autor apela ao apoio à reflorestação através de duas organizações ambientais australianas.

Ainda neste número, Costas Christ assina mais um artigo na sua rubrica “Tales from the Frontier”, cujo título, *Keys to the Emerald City*, remete para a capital do reino imaginário de Oz. O autor começa por referir que, segundo dados das Nações Unidas, metade da população mundial vive em centros urbanos e esse número tende a aumentar, sendo de esperar que atinja os dois terços até 2050 (Christ, 2013d). Para resolver problemas urgentes, que vão desde as alterações climáticas aos recursos hídricos escassos, as cidades enfrentam enormes desafios. Por outro lado, é nelas que têm surgido alguns dos **projetos “verdes”** mais inovadores do mundo, que redefinem um futuro sustentável para as populações urbanas e atraem viajantes. E descreve alguns exemplos, a começar por Milão, onde o Bosco Verticale, um projeto que consiste em duas torres onde foram plantadas 700 árvores, 5.000 arbustos e 11.000 plantas pequenas, foi concebido para criar um microclima cuja vegetação irá atrair pássaros, borboletas e outros insectos, além de absorver pó e CO<sub>2</sub>, reduzir a poluição sonora e conservar energia. Outro projeto é o das árvores solares em Singapura. Esta cidade de avançada tecnologia e consciência ambiental concebeu um projecto de energia renovável e ecoturismo. Os *Gardens by the Bay*, um projeto futurista de Jardim Botânico, apresentam 18 “super-árvores”, feitas de aço e troncos de cimento armado, que funcionam a energia solar e se encontram cobertas por milhares de plantas. Esta atração turística inclui uma Arca de Noé com alguns exemplares de plantas existentes no mundo e informação sobre a sua utilização. Um outro exemplo é o famoso Millennium Park, em Chicago, rodeado de restaurantes e repleto de árvores e flores, o qual forma o centro da cintura “verde” da cidade e abrange cerca de 17 por cento da área metropolitana, retirando do ar mais de 25.000 toneladas de gases com efeito de estufa, por

ano. Na mesma cidade, existem ainda outras iniciativas, como o encerramento de duas centrais elétricas a carvão e a construção de 100 milhas de ciclovias. Há também a cidade de Sidney, onde foi desenvolvido o projecto de uma central que transforma os resíduos alimentares em eletricidade. O *EarthPower* converte em energia renovável mais de 80.000 toneladas de resíduos por ano, o que gera ainda outro benefício: impede o lixo de apodrecer nos aterros sanitários e produzir metano. Já em Londres, há um novo projeto na calha: passeios equipados com lajes que geram electricidade a partir da pressão das pegadas dos transeuntes e que foi utilizado, experimentalmente, durante os Jogos Olímpicos de 2012. Costas Christ conclui com a opinião de um perito, que afirma que “we have maybe two generations to embrace the technologies that allow us the benefits of modern life while sustaining the planet” (Christ, 2013d).

O número de **junho/julho** da NGT conta com vários artigos relevantes para a questão em análise. Logo no início, Keith Bellows apresenta um pequeno artigo na rubrica “Editor’s Note”, sobre as tendências observadas no mercado do alojamento ecológico. Em *New Norm for Lodges?*, o autor constata que a indústria do alojamento evoluiu consideravelmente em apenas uma década, desde o tempo em que as “**ecolodges**” – uma oferta de alojamento ecológico – pelas poucas comodidades que ofereciam, eram associadas a viajantes de mochila. Mas o autor não é a favor do termo, que considera simplista, já que os hotéis e “lodges” inovadores, a que este número da revista dedica uma secção especial, vão muito além das preocupações ecológicas habituais. Os seus alimentos, produtos e mão-de-obra são adquiridos localmente, têm orgulho e acarinhos o espírito do lugar, apoiam activamente a cultura local, lutam pela preservação das paisagens e espécies autóctones, para além de apoiarem financeiramente as comunidades vizinhas. E fazem tudo isto, utilizando tecnologia e métodos amigos do planeta. Refere ainda o autor que há uma mudança que se vai afirmando, em que mesmo grandes cadeias “are backing away from a one-size-fits-all approach in favor of the bespoke” (Bellows, 2013).

Sob a designação de *25 Wild Nights*, Costas Christ escreve um artigo em que descreve várias dessas unidades hoteleiras, onde estão incluídas “lodges”, acampamentos, reservas, fazendas, retiros e ranchos espalhados pelo mundo, desde o Canadá, Guatemala, Costa Rica, México, Belize, Nicarágua, Brasil e Peru, até à China, Vietname, Mongólia, Índia, Sri Lanka, Indonésia, Austrália, Nova Zelândia, passando pela Grécia, Polónia, Namíbia, Jordânia, Zanzibar, Quénia, Botswana e África do Sul. Cada uma destas propostas, em que o autor convida o leitor a “become one with nature” (Christ, 2013e), especifica o que de particular cada local tem para oferecer, não apenas em termos de alojamento e envolvente natural, mas também de atividades de imersão cultural e programas locais que promovem activamente a conservação da flora e da fauna. O denominador comum é sempre a ausência de impacto negativo no ambiente (Christ, 2013e).

Ainda neste número de junho/julho, o artigo *Elephants and Ivory*, na rubrica “Tales from the Frontier”, alerta para a ameaça que o **comércio de marfim** constitui para a população de paquidermes no mundo. Partindo da sua própria experiência no Quénia, na década de 1980, Costas Christ choca-nos com a enormidade dos números: até 1989, 600.000 elefantes foram mortos pelas suas presas – metade de toda a população africana destes magníficos animais (Christ, 2013f). Como consequência desta matança, a Convenção sobre o Comércio Internacional das Espécies da Fauna e da Flora Selvagens Ameaçadas de Extinção proibiu o comércio e a venda de marfim. O número de elefantes mortos por caçadores furtivos diminuiu e a população destes animais aumentou no Quénia e na Tanzânia. Mais recentemente, contudo, a situação regrediu e os números voltam a ser alarmantes: no ano de 2011, 25.000 elefantes africanos foram abatidos por caçadores munidos de espingardas AK-47 e, desde 2007, o

comércio ilegal de marfim mais que duplicou. O autor apela a todos os viajantes para que tomem medidas urgentes, se não querem que os seus filhos sejam a última geração a ver elefantes em estado selvagem. Estas são: 1. Apoiar uma proibição inequívoca e permanente do comércio de marfim, já que, segundo cientistas acreditados, a venda legal de marfim nunca poderá ser gerida de forma sustentável; 2. Escolher um operador turístico que apoie activamente a conservação da espécie; 3. Recusar-se a comprar marfim, seja qual for a razão; 4. Exigir que a China – o maior consumidor do mundo – ponha fim ao uso de marfim; 5. Juntar forças com outros “elephant lovers”, através de organizações que trabalham para a conservação da vida selvagem, em especial as que protegem elefantes africanos (por exemplo, Save the Elephants e Tusk Trust, com base no Reino Unido). Ao exortar-nos a não comprar marfim, seja sob que pretexto for, Costas Christ refere-se à Igreja Católica como uma das entidades responsáveis pelo consumo e venda de artefactos de marfim no mundo e no próprio Vaticano, e ao facto de este estado não ter assinado a Convenção acima referida. Em relação aos safaris em África, o autor refere a importância de escolher um operador turístico que inclua visitas a áreas ou projetos comunitários de conservação da vida selvagem, os quais constituem “one of the best hopes for saving Africa’s endangered elephants” (Christ, 2013f).

O número de **agosto/setembro** da NGT, apresenta um artigo, na rubrica “Tales from the Frontier”, no qual Costas Christ contrapõe duas experiências de **desenvolvimento turístico**. Em *Fable for the Philippines*, o autor utiliza a fábula da tartaruga e da lebre para ilustrar a diferente abordagem que duas das ilhas menos exploradas das Filipinas tiveram em relação ao turismo (Christ, 2013g). Em Palawan, uma residente local criou um centro de reciclagem para tratar os resíduos gerados por uma empresa de ecoturismo da região, a Ten Knots-El Nido Resorts, com o apoio e financiamento da mesma. Palawan, a “tartaruga”, conseguiu evitar o desenvolvimento rápido e adotou práticas de turismo sustentável, como, por exemplo, dar formação à população, aliciar empresas amigas do ambiente e criar parcerias com organizações como a *Conservation International* e o *World Wildlife Fund*. Uma década volvida, segundo os responsáveis locais, o turismo ajuda a proteger o património natural e cultural da ilha e o Parque Nacional do Rio Subterrâneo de Puerto Princesa constitui um exemplo de turismo baseado na comunidade, que apoia a conservação e orienta os benefícios para as populações locais. A El Nido Resorts ganhou um prémio do *World Travel and Tourism Council* pela sua estratégia de fortalecimento da comunidade e por estar na vanguarda da criação de uma reserva marinha, em Coron. Por outro lado, Boracay, a lebre da história, abriu as portas ao turismo na década de 1990, inicialmente a um ritmo sustentável. Em pouco tempo, contudo, o turismo de massas invadiu a ilha com consequências dramáticas: além da construção desenfreada de hotéis, bares, restaurantes e centros comerciais, os resíduos poluíram o mar e os habitats de vida selvagem desapareceram. Os habitantes foram forçados a vender as suas terras e Boracay tornou-se irreconhecível. Apesar disso, e devido às lições retiradas de Palawan, Boracay está a introduzir práticas sustentáveis e Shangri-La, uma estância local, criou um centro de educação ambiental e o seu próprio programa de reciclagem, tentando dar o exemplo a outros hotéis na ilha. Com previsões do turismo a duplicar neste país, em número de visitantes, até 2016, os exemplos destas ilhas são cruciais para as novas gerações de filipinos. Segundo o autor, tal como na fábula, as tartarugas estão a ganhar nas Filipinas: “Our job as travelers is to support tortoises wherever we find them.” (Christ, 2013g).

No número de **outubro** da NGT, foram publicados vários artigos breves, mas de interesse para o presente estudo. Na rubrica “Travel Talk”, o artigo *Trail of Elephant Tears*, da autoria dos editores (Anónimo, 2013), faz referência ao facto de o artigo de Costas Christ sobre os elefantes e o comércio de marfim, publicado no número de junho/julho do ano em

apreço, ter despoletado uma reação impressionante por parte dos leitores, os quais enviaram cartas para as autoridades chinesas e católicas, condenando o consumo de marfim. O Vaticano respondeu, mencionando a campanha de consciencialização em que está empenhado, mas continua a não condenar, publica e inequivocamente, a utilização de marfim pelo clero e pelos fiéis, a que Costas Christ havia apelado. O título deste artigo remete para o Trail of Tears, expressão pela qual ficou conhecida a viagem que o povo Cherokee foi obrigado a empreender, aquando da aplicação do Indian Removal Act de 1830 e, durante a qual, 4.000 Cherokees morreram de frio, fome e doença a caminho das terras a ocidente. Considerando que esta constitui uma página negra da história dos Estados Unidos, a atitude dos editores é, no mínimo, desassomburada.

Na rubrica “Best of the World”, um dos artigos que merece aqui destaque é da autoria de Elaine Glusac e faz referência ao facto de, cem anos após a construção da primeira barragem hidroelétrica no Rio Elwha, no *Olympic National Park*, em Washington, os defensores do rio se congratularem com o remover desta barragem, o maior projecto do género nos Estados Unidos. Em *Dam Smart Move on the Olympic Peninsula* (Glusac, 2013), a autora descreve como este momento de viragem irá permitir que as águas do rio corram, de novo, livremente, através de antigas florestas, viabilizando não só a recuperação das populações de salmão, mas também a regeneração de um ecossistema com 130 espécies. Coincidentemente, o esvaziamento de um reservatório pôs a descoberto um local lendário e sagrado para a tribo Elwha Klallam.

Na rubrica “Smart Traveler”, na coluna “Trending”, um breve artigo de Costas Christ chama a atenção para a competitividade entre os empresários mais ricos do mundo, quando convertida numa força para o bem. Em *Battle of the Billionaires*, o autor destaca Ernesto Bertarelli, o empresário suíço de origem italiana, que ajudou a criar duas reservas marinhas – Chagos, no Oceano Índico, e o Atol de Turneffe, no Belize. Por seu lado, Richard Branson, o magnata britânico, comprometeu-se a apoiar a *Caribbean Challenge Initiative*, que visa proteger 20 por cento dos recursos marinhos e costeiros das Caraíbas. Por fim, Ted Waitt, empresário americano, está a apoiar a expansão do Parque Nacional de Cabrera, nas Ilhas Baleares (Christ, 2013h).

Ainda neste número de outubro, na rubrica “The Traveler”, George W. Stone apresenta *What’s New, What’s Next*, uma seleção de 50 locais, pessoas, tendências e ideias que estão a mudar a forma como viajamos (Stone, 2013b). Embora muito breves, os artigos desta lista estão repletos de informação, sendo alguns deles relevantes para o assunto aqui em análise. Em *Going Native*, Stone fala de “**immersive tourism**” como a nova tendência no turismo baseado na comunidade e nomeia uma empresa apostada em criar uma rede de comunidades sustentáveis, em que os visitantes participam activamente na vida local. Em *What’s the World’s Best Green Place?*, Costas Christ recomenda uma visita ao Butão (Christ, 2013i), país onde os sacos de plástico foram banidos, a agricultura se irá tornar completamente biológica e mais de metade das florestas estão protegidas pela constituição, fazendo deste pequeno reino asiático um possível modelo de vida num planeta mais sustentável. Em *Will Tourism Sink Venice?*, Elizabeth Becker chama a atenção para o **turismo de massas** em Veneza (Becker, 2013), que está a destruir a cidade e tem levado grupos cívicos a desafiarem o poder político para que tome medidas restritivas. Em *Eco-streak*, George W. Stone refere as novas directrizes do *Global Sustainable Tourism Council* para medir o **turismo responsável**, as quais evitarão utilizações abusivas do termo “alojamento verde” (Stone, 2013c). Em *Liquid Gold*, o mesmo autor divulga uma nova invenção, o Slingshot, que pode purificar a água e

torná-la própria para o consumo de 738 milhões de pessoas, sendo também útil para viajantes, que, assim, não irão sobrecarregar as regiões menos desenvolvidas do planeta (Stone, 2013d).

No número de **novembro** da NGT, foram publicados três artigos que merecem menção dentro do contexto deste estudo. O primeiro, *A Virgin Island Returns to Its Organic Roots*, de Diane Daniel, relata o movimento de retorno à agricultura biológica em St. Croix, uma das Ilhas Virgens dos Estados Unidos. Tendo-se virado para a indústria na década de 1960, St. Croix passou a importar os bens consumíveis. A partir de 2011, o movimento de “retorno à terra” é responsável pela produção local de géneros alimentares e atrai visitantes interessados em **agro-turismo**. Segundo um empresário local, esta tendência tem a ver não só com agricultura, como com “a saúde de toda a ilha” (Daniel, 2013).

O segundo artigo deste número, *Message in a Bottle*, é um apontamento de Costas Christ na rubrica “Trending”, na secção “Smart Traveler”. Neste artigo, a propósito do problema que as garrafas de plástico, descartáveis, representam em termos de resíduos, nomeadamente, em hotéis, o autor refere a campanha *Whole World Water*, que pretende resolver este problema e levar água limpa a cerca de mil milhões de pessoas. É suposto os hotéis filtrarem a sua própria água e venderem-na aos hóspedes, em garrafas de vidro reutilizáveis, revertendo 10 por cento da venda para apoiar “**clean water projects**” (Christ, 2013j). Entre os grupos hoteleiros que tinham já aderido, estavam o Ritz-Carlton, Virgin, Six Senses e Banyan Tree.

O terceiro artigo, *Queen of the Jungle*, de Katie Knorovsky, centra-se no testemunho de uma bióloga indiana, que relata a sua experiência no estudo da vida selvagem, nos Parques Nacionais de Tadoba, Nagarhole e Bandipur. A bióloga e conservadora, que ganhou uma bolsa de investigação da *National Geographic*, foi citada numa decisão que o Supremo Tribunal da Índia proferiu a favor do **turismo responsável** nas reservas de tigres, por oposição à proibição de visitantes. Krithi Karanth aborda diversas questões como, por exemplo, a pressão a que os parques da Índia estão sujeitos devido à ascensão da classe média, o facto de os visitantes não deverem ter demasiadas expectativas de ver um tigre, dado que a biodiversidade é enorme e o mais importante é observar, e não fotografar. Refere ainda que a Índia é um país único, na medida em que, apesar do crescimento económico e do aumento da população terem invadido o território dos animais selvagens, os seres humanos toleram bem a sua existência e grande diversidade (Knorovsky, 2013).

No número de **dezembro** de 2013, que é, simultaneamente, o de janeiro de 2014, a NGT inclui a rubrica “20 Places to See Now”, que conta com artigos sobre destinos turísticos naturais, de interesse para o nosso estudo. O primeiro, *Redemption in the Rainforest*, de Robert Earle Howells, diz respeito ao Parque Nacional de Nyungwe, no Ruanda, referindo o estigma do genocídio de 1994 e interrogando-se sobre como poderá o país convencer o mundo de que é, agora, um destino seguro. Uma abordagem é chamar a atenção para as montanhas de floresta tropical que abrigam chimpanzés, macacos colobus e quase 300 espécies de aves. Este parque nacional, notável pela sua dimensão e diversidade, foi criado em 2005 e ilustra a forma como a ajuda monetária foi direcionada para a conservação da beleza natural do país. O projecto Nyungwe Nziza atrai **turismo de natureza e de vida selvagem**, cujas receitas revertem a favor do bem-estar das comunidades locais (Howells, 2014).

O outro artigo incide sobre o Parque Nacional de Ranthambore, na Índia. Em *Eyeing the Tigers in Rajasthan*, de Becca Hensley, aprendemos que nesta reserva de vida selvagem, onde existe uma saudável população de tigres, o turismo de vida selvagem, responsável, é bem-vindo. Este parque, que foi, outrora, uma reserva de caça dos marajás da região, cobre um

território com mais de 243 quilómetros quadrados. Por óbvias razões de conservação, o número de visitantes é restringido (Hensley, 2014).

O terceiro artigo a merecer menção analisa, brevemente, a situação da Guiana, país da América do Sul pouco conhecido como destino turístico e cuja floresta selvagem cobre ainda 80 por cento do território. Em *Is Green the New Gold?*, Jayne Wise refere-se ao projecto de recuperação dos mangais e à paixão que muitos guianeses nutrem pela proteção da riqueza natural do seu país. Na aldeia de Surama, os visitantes deparar-se-ão com uma região pouco desenvolvida, o que constitui muito do atrativo da Guiana, e podem ficar alojados em instalações rústicas de **ecoturismo**, criadas por conservadores locais. As principais atividades são a observação da flora e da fauna, além de passeios de barco (Wise, 2014).

O último artigo a destacar neste número da NGT é sobre o Alentejo, província de Portugal, e chama-se *Great Leaps in the Dark*. A autora, Anja Mutic, fala com a responsável pela organização Casas Brancas, uma **rede de turismo de natureza**, sem fins lucrativos. Marta Cabral afirma que a nova geração de portugueses está “empenhada em preservar a região como ela é”, através do desenvolvimento sustentável e de um espírito autêntico. A Rota Vicentina, criada por esta organização, é um trilho que atravessa 214 quilómetros do Alentejo, desde a costa ao interior. O artigo refere ainda a Rota do Mármore, o museu da aldeia de Belver e o Lago Alqueva, classificado como o primeiro Destino Turístico Starlight, uma Fundação apoiada pela UNESCO (Mutic, 2014).

### Conclusões

A relevância da sustentabilidade no contexto da indústria turística tem sido evidente ao longo dos últimos anos, o que demonstra uma maior consciencialização para a necessidade de repensar os destinos como locais frágeis que deverão ser geridos tendo por base a noção e princípios de sustentabilidade.

As primeiras abordagens ao conceito de turismo sustentável assentaram na premissa de que a sustentabilidade não seria mais do que uma alternativa ao turismo de massas (Godfrey, 1996). Contudo, o conceito evoluiu, compreendendo-se que o turismo sustentável não poderia equiparar-se a uma mera tipologia turística de oposição à sobreexploração turística. De acordo com Sharpley (2006), o direito das comunidades locais em gerir os seus próprios recursos naturais e culturais de acordo com os seus valores, a sua perceção acerca do que seria aceitável em termos de exploração e as suas necessidades de desenvolvimento social não estariam a ser considerados. Efetivamente, a investigação acerca do turismo sustentável tem progredido bastante, verificando-se um aumento significativo do número de estudos com enfoque em produtos e serviços turísticos sustentáveis, tais como “eco-hotéis”, “ecoturismo” ou “volunturismo”, sendo de referir que estes estudos enfatizam, cada vez mais, a importância e poder que o comportamento do público assume perante esta matéria (Kiatkawsin & Han, 2017).

Deste modo, constata-se que as questões realçadas, no âmbito do turismo sustentável num contexto mundial, pelos diferentes autores dos artigos publicados na revista *National Geographic Traveler*, são igualmente identificadas na literatura académica como aspetos merecedores de atenção, ao nível da investigação científica, o que reforça a pertinência desta temática no contexto atual.

É certo que o estudo exploratório realizado apresenta limitações, principalmente no que diz respeito à unicidade da publicação analisada e ao seu horizonte temporal, que poderão considerar-se desafios de investigação para o futuro, dada a relevância da temática do turismo

sustentável na literatura. Assim, por um lado, tendo em conta a pertinência e reconhecimento das publicações da *National Geographic Traveler*, propõe-se uma análise que contemple publicações de anos posteriores ao de 2013 e, por outro, sugere-se a realização de estudos comparativos com outras revistas e publicações semelhantes com o objetivo de se compreender a evolução da consciencialização destas questões ao nível dos destinos.

### Referências bibliográficas

- Anónimo. (2013, October). Travel Talk: Trail of Elephant Tears. *National Geographic Traveler*, 20.
- Becker, E. (2013, October). Will Tourism Sink Venice? *National Geographic Traveler*, 86.
- Bellows, K. (2013, June/July). New Norm for Lodges? *National Geographic Traveler*, 8.
- Boley, B., McGehee, N., & Hammett, A. (2017). Importance-performance analysis of sustainable tourism initiatives: The resident perspective. *Tourism Management*, 58, 66-77.
- Choi, H-S., & Sirakaya, E. (2005). Measuring residents' attitude toward sustainable tourism: Development of sustainable tourism attitude scale. *Journal of Travel Research*, 43(4), 380-394.
- Choi, H-S., & Sirakaya, E. (2006). Sustainability indicators for managing community tourism. *Tourism Management*, 27, 1274-1289.
- Christ, C. (2013a, December/January). Seeing the World, According to Me. *National Geographic Traveler*, n.a.
- Christ, C. (2013b, February/March). The Tribes Have Spoken. *National Geographic Traveler*, 28.
- Christ, C. (2013c, April). Blueberry Fields for Ever. *National Geographic Traveler*, 37.
- Christ, C. (2013d, May). Keys to the Emerald City. *National Geographic Traveler*, 32.
- Christ, C. (2013e, June/July). 25 Wild Nights. *National Geographic Traveler*, 58-69.
- Christ, C. (2013f, June/July). Elephants and Ivory. *National Geographic Traveler*, 32.
- Christ, C. (2013g, August/September). Fable for the Philippines. *National Geographic Traveler*, 36.
- Christ, C. (2013h, October). Battle of the Billionaires. *National Geographic Traveler*, 54.
- Christ, C. (2013i, October). What's the World's Best Green Place? *National Geographic Traveler*, 82.
- Christ, C. (2013j, November). Message in a Bottle. *National Geographic Traveler*, 34.
- Creswell, J. (2009). *Research design: qualitative, quantitative and mixed methods approaches*. California, USA: Sage Publications.
- Daniel, D. (2013, November). A Virgin Island Returns to Its Organic Roots. *National Geographic Traveler*, 26.
- Dias, J. (2017). Environmental sustainability measurement in the Travel & Tourism Competitiveness Index: An empirical analysis of its reliability. *Ecological Indicators*, 73, 589-596.
- Dvarskas, A. (2017). Dynamically linking economic models to ecological condition for coastal zone management: Application to sustainable tourism planning. *Journal of Environmental Management*, 188, 163-172.
- Eusébio, C., Kstenholz, E., & Breda, Z. (2014). Tourism and sustainable development of rural destinations: A stakeholders' view. *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, 36(2), 13-22.

- Garrod, B., & Fyall, A. (1998). Beyond the rhetoric of sustainable tourism? *Tourism Management*, 19(3), 199-212.
- Glusac, E. (2013, October). A Dam Smart Move. *National Geographic Traveler*, 28.
- Godfrey, K. (1996). Towards sustainability? Tourism in the Republic of Cyprus. In L. Harrison & W. Husbans (Eds.), *Practicing responsible tourism: international case studies in tourism planning, policy and development* (pp. 58-79). Chichester: John Wiley and Sons.
- Hashemi, N., & Ghaffary, G. (2017). A Proposed Sustainable Rural Development Index (SRDI). *Tourism Management*, 59, 130-138.
- Hensley, B. (2014, December/January). Eyeing the Tigers in Rajasthan. *National Geographic Traveler*, 79.
- Howells, R. (2014, December/January). Redemption in the Rainforest. *National Geographic Traveler*, 75.
- Kastenholz, E., Carneiro, M., & Marques, C. (2012). Marketing the rural tourism experience. In R. H. Tsiotsou & R. E. Goldsmith (Eds.), *Strategic marketing in tourism services* (pp. 247-264). Bingley: Emerald.
- Kiatkawsin, K., & Han, H. (2017). Young travelers' intention to behave pro-environmentally: Merging de value-belief-norm theory and the expectancy theory. *Tourism Management*, 59, 76-88.
- Knorovsky, K. (2013, November). Queen of the Jungle. *National Geographic Traveler*, 36.
- Liu, Z. (2003). Sustainable tourism development: A critique. *Journal of Sustainable Tourism*, 11(6), 459-475.
- Lu, J., & Nepal, S. (2009). Sustainable tourism research: an analysis of papers published in the Journal of Sustainable Tourism. *Journal of Sustainable Tourism*, 17(1), 5-16.
- McLane, D. (2013, December/January). Getting Off on the Wrong Foot. *National Geographic Traveler*, n.a.
- Mutic, A. (2014, December/January). Great Leaps in the Dark. *National Geographic Traveler*, 88.
- National Geographic. (2016). Press Room. Disponível em <http://press.nationalgeographic.com/2016/01/27/george-stone-appointed-editor-in-chief-national-geographic-travel/>
- National Geographic Traveler. (2017a). About Traveler Magazine. Disponível em <http://travel.nationalgeographic.com/travel/traveler-magazine/about-us/>
- National Geographic Traveler. (2017b). Keith Bellows: One on One. Disponível em <http://travel.nationalgeographic.com/travel/traveler-magazine/one-on-one/>
- National Geographic Traveler. (2017c). Costas Christ: Tales from the Frontier. Disponível em <http://travel.nationalgeographic.com/travel/traveler-magazine/tales-from-the-frontier/>
- Potter, E. (2013, April). A Caribbean Hideaway: Off-the-Ship Adventures in Unspoiled Dominica. *National Geographic Traveler*, 50.
- Sharpley, R. (2006). *Travel and Tourism*. London: Sage.
- Stone, G. (2013a, April). Lights Out. *National Geographic Traveler*, 16.
- Stone, G. (2013b, October). Going Native. *National Geographic Traveler*, 81.
- Stone, G. (2013c, October). Eco-streak. *National Geographic Traveler*, 89.
- Stone, G. (2013d, October). Liquid Gold. *National Geographic Traveler*, 96.
- Tourtellot, J. (2013, May) A Bear of a Problem. *National Geographic Traveler*, 16.
- United Nations World Tourism Organization. (s.d.-a). Global Code of Ethics for Tourism. Disponível em <http://cf.cdn.unwto.org/sites/all/files/docpdf/gcetpassportglobalcodeen.pdf>

- United Nations World Tourism Organization. (s.d.-b). O Código de Ética Mundial do Turismo. Disponível em <http://ethics.unwto.org/sites/all/files/docpdf/portugal.pdf>United Nations World
- United Nations World Tourism Organization. (2016). *Tourism Highlights – 2016 Edition*. Spain: World Tourism Organization (UNWTO).
- World Commission on Environment and Development. (1987). *Our common future*. Oxford: New York.
- World Tourism Organization. (2003). *Turismo internacional: Uma perspectiva global*. São Paulo: Bookman.
- Wise, J. (2014, December/January). Is Green the New Gold? *National Geographic Traveler*, 88.